

Percurso queirosiano em Newcastle-Upon-Tyne: comemoração dos 150 anos da chegada de Eça de Queirós a Inglaterra

Conceição Pereira
conceicao.pereira@ncl.ac.uk
Camões IP | Newcastle University | CLEPUL
Newcastle upon Tyne, Reino Unido
ORCID iD [0009-0007-7016-3883](https://orcid.org/0009-0007-7016-3883)

Artigo recebido em 2024-11-20
Artigo aceite em 2024-12-05
Artigo publicado em 2024-12-30

Como citar e licença

Pereira, C. (2024). Percurso queirosiano em Newcastle-Upon-Tyne: comemoração dos 150 anos da chegada de Eça de Queirós a Inglaterra. *LIT&TOUR – International Journal of Literature and Tourism Research (IJLTR)*, (4). Obtido de <https://publicacoes.ciac.pt/index.php/litntour/article/view/353>

This work is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International License.

Resumo

Os romances de Eça de Queirós suscitaram já inúmeros percursos literários em Portugal, por exemplo em Lisboa (*Os Maias*) ou em Tormes (*A cidade e as serras*), mas o mesmo não pode dizer-se no que se refere a percursos internacionais, embora o autor tenha vivido no estrangeiro durante toda a sua vida profissional como cônsul, que o levou a Cuba (Havana), Inglaterra (Newcastle e Bristol) e França (Paris). Paris surge imediatamente como uma possibilidade de percurso literário internacional ligado a *A cidade e as serras*; Newcastle-Upon-Tyne, no entanto, embora não pareça ser uma escolha óbvia, permite visitar alguns locais significativos da cidade ligados ao escritor. A relação de Eça com Newcastle está registada na sua correspondência pessoal e consular, e não havendo outros registos da passagem do autor por esta cidade além de uma placa comemorativa no edifício onde se localizava o consulado, um percurso literário dedicado ao autor oitocentista português é um modo de preservar a memória do período que aí viveu. A visitar em Newcastle, além do consulado, há o local onde se localizava o apartamento onde vivia, e que foi, entretanto, demolido, e o edifício onde funcionava a Alfândega, junto ao rio Tyne. O percurso literário preparado para a III Conferência da TROPO UK¹, recria um dos percursos que o autor português teria feito nos quatro anos que viveu em Newcastle

¹ Teachers and Researchers of Portuguese Language in the UK.

(1874-79) e liga a estes lugares leituras extraídas da sua correspondência pessoal e consular, assim como a história da cidade de Newcastle dessa época.

Palavras-chave

Turismo literário · Eça de Queirós: cônsul e escritor · Correspondência pessoal e consular · Newcastle-Upon-Tyne · *O primo Basílio*

Abstract

Eça de Queirós' novels have inspired numerous literary journeys in Portugal, such as in Lisbon (*Os Maias*) or Tormes (*A Cidade e as Serras*). However, the same cannot be said for international journeys, despite the fact that the author lived abroad throughout his professional life as a consul, which took him to Havana, Cuba; Newcastle and Bristol, England; and Paris, France. Paris immediately stands out as a possibility for an international literary journey connected to *A Cidade e as Serras*; Newcastle-upon-Tyne, however, although it doesn't seem like an obvious choice, allows you to visit some of the city's significant sites linked to the writer. Eça's relationship with Newcastle is documented in his personal and consular correspondence. Still, there are no other important records of his time in the city, apart from a commemorative plaque on the building where the consulate was located. There are two additional sites of note in Newcastle: the location of the flat where he lived, now demolished, and the building that once housed the Customs House, located by the River Tyne. The literary journey prepared for the III TROPO UK Conference recreates one of the routes the Portuguese author would have taken during the four years he lived in Newcastle (1874–1879), linking these locations to readings from his personal and consular correspondence, as well as to the history of Newcastle during that period.

Keywords

Literary tourism · Eça de Queirós: consul and writer · Personal and consular correspondence · Newcastle-Upon-Tyne · *O primo Basílio*

1. Introdução

“Turismo literário” é definido por Richard Butler como “a form of tourism that is motivated by a desire by the participants to experience the literary connections about a location, which may relate to its role as the home of a writer, or a famous character in literature, or as the setting, real or imagined, in a literary work.” (Butler, 2022: 79). Seguindo esta definição, o percurso queirosiano em Newcastle insere-se neste tipo de turismo e pode ser usado como exemplo do papel de uma localidade em relação ao facto de o escritor aí ter vivido e trabalhado como cônsul entre 1874 e 1879.

Talvez Newcastle não seja o lugar mais óbvio para um turista literário queirosiano visitar, no entanto, se considerarmos que este tipo de turista pode estar interessado, além de questões ligadas diretamente à ficção do autor, também em comparar o lugar com cartas do escritor e, igualmente, percorrer os lugares que o autor teria percorrido enquanto aí viveu (Watson, 2022: 93), é uma cidade com muito para oferecer neste âmbito: os locais concretos a visitar são escassos, mas significativos.

Embora em termos ficcionais não consigamos estabelecer ligações diretas a Newcastle enquanto lugar literário, a biografia de Eça coloca esta cidade naquela que é considerada a época mais produtiva do autor português do século XIX. Segundo Filomena Mónia, em Newcastle, Eça “Lia, passeava e escrevia. Além da revisão de *O Crime do Padre Amaro*, foi em Newcastle que escreveu *O Primo Basílio*, que retomou a sua colaboração nos jornais, neste caso em *A Atualidade*², e que planeou as *Cenas da Vida Real*, um esquema que daria origem a vários romances.” (Mónica, 2002: 135). Numa carta enviada a Chadron em 5 de outubro de 1877, explica em que consistiria esta série de narrativas:

“Eu tenho uma ideia que penso daria um excelente resultado. É uma coleção de pequenos romances [...] que fosse a pintura da vida contemporânea em Portugal: Lisboa, Porto, províncias; políticos, negociantes, fidalgos jogadores, advogados, médicos, todas as classes, todos os costumes entrariam nesta galeria. A coisa poderia

² Entre abril de 1877 e maio de 1878 quinze artigos sobre a atualidade em Inglaterra da autoria de Eça de Queirós foram publicados em *A Atualidade* (Queirós, 2000: 193-346).

chamar-se “Cenas da Vida Real”, ou qualquer outro título genérico mais pitoresco. Cada novela teria depois o seu próprio título. [...] uma das novelas está quase pronta, é só copiá-la: intitula-se “O desastre da Travessa do Caldas”, ou talvez, não sei ainda, “O Caso Atroz da Genoveva”. Trata-se de um incesto. Deve dar duzentas páginas ou mais. Alguns amigos a quem comuniquei a ideia dela e parte da execução ficaram impressionados, ainda que um pouco escandalizados. Não quer dizer que seja imoral ou indecente. É cruel.” (Oliveira, 1944: 115-116 *apud* Mónica, 2002: 135-136).

Reconhece-se, nesta descrição, e no tema da novela já escrita, parte do que viria a ser tema em *Os Maias* que tem como subtítulo *Cenas da vida romântica*, tendo o incesto sido tema igualmente em *A tragédia da rua das Flores*, romance também escrito em Newcastle, entre 1877 e 1878, mas que acabaria por ser publicado apenas em 1981, após o espólio do autor ter sido entregue à Biblioteca Nacional em 1980 (Mónica, 2001: 136). Foi, com efeito, um período muito produtivo da carreira de Eça e o momento em que passaria a ser plenamente reconhecido como escritor após a publicação e o sucesso de *O primo Basílio*: o romance foi posto à venda em 28 de fevereiro de 1878, tendo a edição de oitocentos exemplares esgotado em pouco tempo (Mónica, 2001: 141) e sido muito louvado, nomeadamente por Teófilo Braga (Mónica, 2001: 143-144). O mesmo não tinha acontecido com *O crime do Padre Amaro*, publicado em 1876 com uma tiragem também de oitocentos exemplares, mas que pouco vendeu (Mónica, 2001: 126).

É importante referir, igualmente, a sua correspondência pessoal que permite compreender muitos aspetos do seu processo de criação literária, tais como a ideia inicial das narrativas, o processo de escrita e a revisão dos textos. A correspondência consular revela a perspetiva do autor em relação a Newcastle enquanto cidade mineira. As cartas que escreveu sobre as greves e a situação laboral dos mineiros são documentos muito interessantes, uma vez que mostram a perspetiva de um estrangeiro sobre Newcastle durante este período da história da cidade, sendo consideradas relevantes para a história local.³

³ Cinco destas cartas, na versão em inglês da correspondência consular editada por Alan Freeland (1994), assim como a introdução ao volume do editor, foram publicadas

Por ter sido um período de intensa produtividade, embora Eça apenas tenha vivido em Newcastle cerca de quatro anos e a sua escrita ficcional não refletir a cidade enquanto tal, a verdade é que é de toda a justiça que Newcastle Upon Tyne seja considerada como cidade literária queirosiana, uma vez que este conceito implica muitos tipos de ligações diferentes entre um autor e um determinado espaço urbano, sendo um deles, necessariamente, um lugar habitado por autores e que aí escreveram (Rodrigues de Sousa, 2022: 55). E Eça de Queirós escreveu e escreveu em Newcastle: três romances, projetos de romances, crónicas, cartas particulares e oficiais. Além disso, desenvolveu, na mesma cidade, a atividade profissional de cônsul que, apesar de coincidir com um período de intensa criação literária, jornalística e epistolar, nada sofreu com isso, tendo sido, segundo Filomena Mónica, “dos funcionários mais exemplares do MNE” (2001:155). Deste modo, um dos objetivos deste percurso queirosiano em Newcastle é colocar esta cidade no mapa das cidades literárias relacionadas com Eça de Queirós.

2. Eça de Queirós e Newcastle⁴

Este percurso começou como uma atividade exploratória, em que foram visitados três locais: Eldon Square, a placa em Grey Street e a Alfândega (Customs House) no Quay Side, quando Duarte Bué Alves, Cônsul-Geral de Portugal em Manchester, visitou a Universidade de Newcastle, em 27 de fevereiro de 2023, tendo sido fornecido apenas algum contexto sobre esses lugares na sua relação com Eça de Queirós. Um percurso um pouco mais elaborado, com o Clube de Português-Newcastle, uma escola informal

em *North East Labour History, Bulletin of the North East, Labour History Society*, nº 18, 1984 e nº 19, 1985, com o título “New sources”.

⁴ No âmbito das minhas funções como leitora do Camões IP, que exerço na Universidade de Newcastle desde março de 2016, apoiei, em 2016-17, Joe Fean, um estudante do mestrado em escrita criativa, que solicitou o meu apoio para o seu ensaio final que intitulou *My search for Eça de Queirós in Newcastle*, tendo esta parceria sido o ponto de partida para eu ter decidido que valia a pena criar um percurso queirosiano em Newcastle. Agradeço, pois, a Joe Fean que partilhou comigo a sua investigação sobre a passagem do autor português por Newcastle, enquanto escritor e cônsul. Sem ele, a criação deste percurso não teria sido possível.

de ensino de português como língua de herança, foi realizado em 8 de julho de 2023 e contou com a visita aos mesmos três locais, mas incluiu também a leitura de excertos adaptados da correspondência de Eça de Queirós, tendo o percurso sido preparado com uma aula sobre a atividade mineira em Newcastle no século XIX e o que Eça escreveu sobre esse assunto.

A oportunidade de criar um percurso queirosiano mais contextualizado surgiu na III Conferência TROPO UK⁵, aproveitando o facto de estarmos a celebrar, no corrente ano, 150 anos da chegada de Eça de Queirós a Inglaterra: o escritor chegou a Newcastle Upon Tyne no fim do ano de 1874. Como referido antes, os pontos de interesse queirosiano são três e permitem recriar o percurso que o autor teria repetidamente feito entre o seu apartamento em Eldon Square, o consulado na Grey Street e a Alfândega no Quay Side e mostrar a perspectiva que Eça de Queirós tinha da cidade, e que deixou registada na sua correspondência pessoal e consular, através da leitura de excertos dessas mesmas cartas. Os participantes receberam um folheto com todos os excertos, tendo sido solicitada sua colaboração na leitura em voz alta. Cada momento começou com uma explicação sobre o local, contando também a sua história e as modificações que sofreu após o período em que Eça aí viveu. O objetivo foi, pois, duplo, permitindo não só ligar a cidade a Eça de Queirós através destes lugares e da perspectiva do autor sobre Newcastle como também dar a conhecer alguns aspetos da cidade na atualidade.

3. Armstrong Building (College of Physical Science) Newcastle University

O Armstrong Building, onde decorreu a III Conferência TROPO UK, fundado em 1871 como College of Physical Science, fazia, então, parte da Durham University⁶, tendo o seu primeiro professor de Química sido Algernon Freire-Marreco, um luso-britânico que frequentou a escola em Portugal, tendo regressado a Inglaterra com quinze anos (Camões, 2011: 56). Era

⁵ https://conferences.ncl.ac.uk/iii_conference_tropo_uk/

⁶ A Newcastle University desligou-se da Durham University em 1963, passando a designar-se “University of Newcastle Upon Tyne” (Newcastle University, s-d). O leitorado do Camões IP em Newcastle entrou em funções no ano seguinte.

fluyente em inglês e português e, durante aos anos 1870, fez conferências e deu cursos na sociedade Lit&Phil⁷, tendo também fundado a Newcastle Chemical Society (Fean, 2017: 21). Além disso, foi o fundador, e primeiro presidente, da secção de Newcastle da Chemical Society, tendo igualmente fundado o Museu Tecnológico desta cidade, assim como o Chemistry Institute (em 1877), a primeira associação mundial de profissionais de ciência (Camões, 2011:56). Além disso, tendo em conta que o trabalho de Freire Marreco estava também diretamente ligado à exploração mineira, através da sua investigação sobre explosão de poeiras de carvão, tendo apresentado “resultados de uma série de experiências sobre explosão de poeiras de carvão, publicada em *Transactions of the North of England Institute of Mining and Mechanical Engineers*, [que] constitui uma das contribuições mais valiosas para a história do assunto.” (Camões, 2011:56), faz sentido que pudesse ter tido contacto com Eça de Queirós, ligado à exploração de carvão através da sua atividade como cônsul.

Freire Marreco era, pois, uma figura de relevo em Newcastle quando Eça de Queirós aí viveu. Joe Fean defende que, uma vez que se terão movimentado nos mesmos círculos e por partilharem o conhecimento da língua portuguesa, é muito provável que se tivessem conhecido, embora não haja documentos que o comprovem (Fean, 2017: 21-23).

Assim, apesar de não podermos atestar o facto de Algernon Freire Marreco e Eça de Queirós se terem cruzado durante os quatro anos que o autor português viveu em Newcastle, faz sentido começar o percurso queirosiano de Newcastle no Armstrong Building, referindo o seu primeiro professor de Química, o que permite também transmitir algumas informações gerais sobre a origem da universidade e sobre este notável cientista que tinha uma ligação a Portugal, por aí ter vivido até aos quinze anos e por falar a língua de Camões.

4. Eldon Square

Eça de Queirós chegou a Newcastle no último dia de dezembro de 1874 (Mónica, 2001: 117) e, no início de 1975, escreve a Ramalho Ortigão dando notícias sobre o início das suas funções como cônsul “No dia

⁷ <https://www.litandphil.org.uk/>

Io do corrente mês tomei conta da gerência deste consulado tendo sido apresentado pelo Sr. Barão de Wildik às autoridades municipais e aos cônsules enviados. O Sr. Barão de Wildik, tendo-me feito a entrega dos Arquivos e do saldo existente em cofre – deu-me os mais valiosos esclarecimentos sobre o movimento, o serviço e as condições deste consulado.” (Queirós, 1983: 41)

Assim, o excerto dando conta ao amigo da sua chegada a Newcastle é o primeiro a ser lido na segunda paragem neste percurso, em Eldon Square, onde Eça de Queirós viveu num apartamento do prédio número 22, na parte oeste da praça. Segundo o *World's Directory of Newcastle 1877-78*, na época em que aí viveu, viviam, em dez das casas desta praça, um advogado, um solicitador, um vigário, um fotógrafo, um dentista, três arquitetos, um construtor de navios, um leiloeiro e avaliador, um escultor, um escritor e homem de negócios, uma costureira e as senhoras Nixon e Jane Mary. Ao centro da parte norte da praça era o Northern Counties Club (Fean, 2017: 30). Eça vivia, pois, numa parte bem frequentada da cidade.

Em março do mesmo ano, Eça fala desta praça e do que vê da janela, enquanto revê as provas de *O crime do padre Amaro*, do qual escrevera já a primeira versão que seria publicada nesse mesmo ano (Peixoto, 2017). Diz a Ramalho Ortigão: “Estou só, diante das páginas do Crime do Padre Amaro, a rever e a jantar só, vendo apenas um pequeno “square” de relva verde, onde crianças se exercitam no boxe e jogam críquete.” (Queirós, 1983: 101-102). Sente-se um certo tom de mau estar, decorrente do isolamento que refere no excerto desta carta de março e o facto é que a revisão da primeira versão do seu primeiro romance, que terá escrito em Portugal⁸, lhe estaria a causar muita irritação, pois as provas que ia recebendo não incluíam as emendas que tinha feito.⁹

No entanto, na mesma carta, ficamos a conhecer outra faceta da vida de Eça em Newcastle e nesta sua casa. Na verdade, nem sempre estaria só, uma vez que a partir dos seus comentários se percebe que

“arranjara tempo para começar e terminar um *affaire*, provavelmente com a rapariga loura que aparece na fotografia coletiva, que Eça tirara no atelier de H. S. Mendelssohn.” (Mónica, 2002: 119). Na análise que faz desta foto, Filomena Mónica conclui que as mulheres aí presentes “não eram meninas de alta sociedade” (Mónica, 2002: 119).

Depois da referência ao comentário sobre Eldon Square, e ainda na praça, vem a propósito a leitura de um excerto da carta que escreveu a Ramalho Ortigão em 1 de fevereiro do mesmo ano, uma vez que revela o grande desgosto que sentia em relação a Newcastle:

“Interrompi esta carta durante um dia e [...] o tempo, que antes de ontem, quando a comecei, estava seco e frio – está hoje de um tal nevoeiro húmido, de uma tão penetrante desolação que o mesmo Voltaire aqui faria elegias, como Domingos Reis Quita. [...]

É agora que eu compreendo a profunda verdade dos livros de Taine sobre a Inglaterra – sobretudo a *História da Literatura*. É o clima, é a horrível hostilidade exterior da Natureza, é o incessante descontentamento da vida física, que faz com que esta raça viva sempre dentro de si mesma, e, em lugar de tomar como objeto de contemplação e de inspiração a natureza exterior, tome a sua própria alma: daí vêm as elevações místicas do puritanismo, a ciência das paixões de Shakespeare, a violenta concepção de Dickens e o amor pelas observações psicológicas, que é o fundo desta literatura. Mas torno-me maçador, penso. Falemos antes do meu *spleen*. [...] Aqui tudo tem *spleen*: o céu, as almas, as paredes, o lume, os chapéus das mulheres, os discursos dos oradores e os entusiasmos da paixão. Imagine V. uma cidade de tijolo negro, meio afogada em lama, com uma espessa atmosfera de fumo, penetrada de um frio húmido, habitada por 150 000 operários descontentes, mal pagos e azedados e por 50 000 patrões lúgubres e horrivelmente ricos – eis Newcastle-on-Tyne. *On Tyne* – este rabinho que tem o nome da cidade, dá-lhe um ar ridículo que me consola.” (Queirós, 1983: 91-92).

Eça queixa-se do clima e da população constituída por milhares de operários e patrões, referindo-se seguramente aos mineiros e donos de minas, e a uma urbe em expansão industrial e demográfica. Na época, esta cidade do Norte de Inglaterra era um importantíssimo centro de exportação de carvão, daí existir aí o posto consular português. Em “quarenta anos, a população triplicara. Numa geração, milhares

⁸ Segundo Filomena Mónica, não se sabe exatamente quando o primeiro manuscrito de *O crime do padre Amaro* foi escrito, mas antes da partida para Newcastle já teria escrito cerca de duzentas páginas (Mónica, 2002: 122).

⁹ Ver cartas de fevereiro de 1975 para batalha Reis (Queirós, 1983: 95-100).

de trabalhadores rurais haviam sido transformados em mineiros.” (Mónica, 2002: 117).

De então para cá, Newcastle sofreu grandes alterações em termos de população, dimensão e arquitetura, mas a parte Este de Eldon Square ainda existe, assim como inúmeros bairros das antigas casas dos mineiros: por toda a cidade há ainda grandes bairros de casas de tijolo em banda, as “terraced houses”, memória viva da época em que o autor português aí viveu.¹⁰

De Eldon Square resta apenas uma fiada de prédios do lado Este¹¹: devido a uma política de renovação durante o período em que os destinos da cidade foram liderados por T. Dan Smith, *mayor* de Newcastle-Upon Tyne de 1960 a 1965, que pretendia transformar Newcastle na “Brasília do Norte”, uma das consequências foi a demolição de uma parte de Eldon Square, entre outros edifícios da cidade (Henderson, 2024)¹².

Na praça já não podemos, pois, ver o prédio onde Eça morou, mas podemos ainda ver os prédios que podia avistar do seu apartamento. Além disso, é interessante a referência à figura de T. Dan Smith e à sua visão transformadora da cidade que, embora tenha tido aspetos negativos, como algumas demolições que poderiam ter sido evitadas, assim como a corrupção que o levou a ser preso, foi durante a sua vigência enquanto *mayor* que foram, por exemplo, tomadas uma série de medidas relativas aos transportes públicos e que vieram a dar origem à rede de metro (Griffiths, 2019: 194-195), meio de transporte que existe apenas em duas cidades no Reino Unido: Londres e Newcastle. Nos últimos anos, a sua memória tem sido recuperada, nomeadamente em três exposições recentes em Newcastle.¹³

¹⁰ Durante este percurso queirosiano, a que se associa a história da cidade, incluí também alguns aspetos mais pessoais, ligados à minha vivência da cidade, nomeadamente o facto de eu, ao contrário de Eça, gostar muito de Newcastle, e o facto de viver numa destas antigas casas de tijolo, numa parte da cidade antes habitada por operários e mineiros.

¹¹ A parte este de Eldon Square apenas foi preservada devido à existência de uma capela atrás dela, o que levou a que a demolição não fosse autorizada (Taylor, 2022: 76).

¹² Embora a ideia de uma Brasília do Norte esteja indubitavelmente ligada à visão de T. Dan Smith para Newcastle, na verdade, quem primeiro a veiculou foi Doris Starkey, que tinha sido *mayor* de Newcastle em 1960, antes de T. Dan Smith (Griffiths, 2019: 149).

¹³ *T. Dan Smith Archive*, na Side Gallery (maio-junho 2018 – <https://www.bbc.co.uk/news/uk-england-tyne-44139091>,

Daqui, é realizado o percurso entre o Old Eldon Square e a Grey Street, com uma paragem breve no Grey’s Monument, no início desta rua, que em 2002 foi considerada a rua mais bonita de Inglaterra pelos ouvintes da BBC Radio 4 (BBC News, 2002). Nesta breve paragem junto ao monumento, que foi inaugurado em 1838, são dadas algumas informações sobre o monumento e o homenageado, o primeiro-ministro Charles Grey, segundo conde de Grey, ou seja, Earl Grey, mundialmente conhecido por ter dado nome ao chá com o mesmo nome, uma mistura especial de chá preto com bergamota, porque gostaria muito deste chá.¹⁴ No entanto, o monumento, erigido por subscrição pública, não está relacionado com o chá, mas com o facto de Carles Grey, nascido em Northumberland, ter sido o autor da Great Reform Act de 1832 que alargou o direito ao voto a todos os que que possuíssem propriedades com o valor de £10 ou mais (Taylor, 2022: 76).

5. Grey Street

A Grey Street, situada em Grainger Town, edificada na primeira metade do século XIX, compreendia o Grainger Market, o Central Exchange e o Theatre Royal (todos preservados e ainda em funcionamento), foi planeada por Richard Grainger e, além dos edifícios mencionados, incluía 9 ruas, 32 estalagens e pubs e 325 lojas e casas (Taylor, 2022: 74).

Era nesta rua, no primeiro andar do número 53, que se situava o Consulado Português, um dos locais onde Eça exercia as suas funções como cônsul, havendo uma placa, aí colocada pela Câmara Municipal de Newcastle, onde se lê: “53 Grey Street. José Maria Eça de Quirós [sic] 1845-1900. Portuguese diplomat and novelist of European stature. Lived in this building

<https://www.amber-online.com/collection/t-dan-smith-archive-i/>), durante a Great Exhibition of the North, na Exposição *City State: towards the Brasilia of the North* (Lit&Phil, Newcastle, outubro 2019 – <https://www.proquest.com/docview/2306145803?sourcetype=Trade%20Journals>) e *Concrete Dreams* no Farrell Centre (setembro 2024-junho 2025 – <https://www.farrellcentre.org.uk/concrete-dreams/>).

¹⁴ Não há certezas quanto ao que terá provocado a origem do nome e poderá até ser apócrifo, mas o que é facto é que o nome do chá coincide com esta figura histórica (Taylor, 2022: 76).

from 1874 to 1879 – among the most productive years of his writing career. City of Newcastle Upon Tyne”.¹⁵

A origem da informação constante da placa, que atesta a presença de Eça de Queirós em Newcastle na segunda metade do século XIX, terá muito provavelmente origem numa sua fotobiografia bilingue (português e inglês) que refere “The Newcastle period – the most productive of his whole career” (Maia & Freitas, 2000: 25). Da placa constam, porém, dois erros: uma indesculpável gralha no nome do autor e a informação de que viveu neste edifício. Na paragem perto da placa começa, pois, por solicitar-se que presentes encontrem os dois erros que aí constam.

Nesta paragem, em que se menciona a carreira literária do autor, leem-se também alguns excertos de cartas e igualmente de *O primo Basílio*, romance que foi integralmente escrito em Newcastle e publicado durante o período em que o autor viveu na cidade. O primeiro excerto diz respeito ao contexto social e intelectual em que Eça sentia que vivia, dando, também, algumas informações sobre a sua vida sentimental:

“Neste degredo faltam-me todas as condições da excitação intelectual. Há um ano que não converso! Isto, aí, lido, pode parecer pueril – mas digo-lhe que é apenas dilacerante. As minhas relações são pessoas perfeitamente idiotas, que nunca leram um livro, que não suspeitam sequer que eu o faça, e que pensam que o único produto da inteligência humana é o Times. Dos estrangeiros, meus colegas, são desta ordem quase todos: vivendo em Inglaterra há anos ignoram absolutamente Dickens e Byron. Enfim, a desolação da abominação. [...]”

Acresce a isto o absoluto isolamento moral. A família não se substitui senão pela paixão. E eu não tenho aqui nem família, nem paixão. Não gosto de falar da minha carreira sentimental – mas creia Você que ela tem sido triste [...] As duas últimas experiências foram tristes: uma ligação com uma *desavergonhada* ia-me complicando a vida. Partida esta *chaine de fleurs* [...] achei-me com uma devota – que quando eu imaginava que me ia levando para a Felicidade, me ia arrastando simplesmente para a missa.” (Queirós, 1983:144-46)

A esta opinião de Eça de Queirós sobre a ausência de estímulo intelectual (e sentimental) em Newcastle pode contrapor-se o facto de, na época, existirem, por exemplo, o Theatre Royal e a sociedade Lit&Phil. O Theatre Royal, que se situa do lado oposto ao consulado, no número 100 da Grey Street, abriu em 1837 com uma produção do *Mercador de Veneza* de Shakespeare e o ator shakespeariano Sir Henry Irving, entre outros atores famosos do século XIX, atuou neste teatro de Newcastle (Morton, 2022). Na Lit&Phil, fundada em 1789 como um “conversation club”, os seus membros conversavam sobre ciência, literatura e outros tópicos de interesse intelectual. Esta sociedade passou a ter um edifício permanente em 1825 que albergava uma vasta biblioteca (Taylor, 2022: 100), situado no número 23 da Westgate Road. Com o Theatre Royal a um minuto a pé do consulado e a Lit&Phil a seis, é de supor que Eça de Queirós conheceria estes locais e poderia tê-los frequentado.

Também junto da placa, por referir a sua atividade de escritor, são lidos excertos de duas cartas: uma em que menciona o que está a escrever no momento e a dificuldade em escrever sobre Portugal estando em Inglaterra, sendo esta contraposta a um excerto de *O primo Basílio* que mostra como esta dificuldade parece ser magnificamente superada, assim como a outra carta em que reconhece as vantagens de viver em Newcastle para a sua atividade de escritor.

“Eu trabalho nas Cenas Portuguesas, mas sob a influência do desalento. Convenci-me de que um artista não pode trabalhar longe do meio em que está a sua matéria artística. [...] Eu não posso pintar Portugal em Newcastle. Para escrever qualquer página, qualquer linha, tenho de fazer dois violentos esforços: desprender-me inteiramente da impressão que me dá a sociedade que me cerca e evocar, por um retesamento da reminiscência, a sociedade que está longe.” (Queirós, 1983: 143-144).

“No Rossio, sob as árvores, passeava-se; pelos bancos, gente imóvel parecia dormir; sujeitos com o chapéu na mão, abanando-se, o colete desabotoado; a cada canto se apregoava água fresca “do Arsenal”; em torno do largo, carruagens descobertas rodavam vagarosamente. O céu abafava, – e, na noite escura, a coluna da estátua de D. Pedro tinha o tom baço e pálido de uma vela de estearina colossal e apagada. [...]”

¹⁵ Alguns guias turísticos da cidade referem a placa, mas pouco adiantam sobre o autor, como é o caso de *Discover NewcastleGateshead*, de Peter Donaghy (2018: 82).

Subiam pela rua Nova do Carmo. Os candeeiros davam uma luz mortiça; as altas casas dos dois lados, apagadas, entalavam, carregavam a sombra; e a patrulha muito armada, descia passo a passo, sem ruído, sinistra e subtil.” (Queirós, s-d: 112-113).

Se em abril de 1878 refere as dificuldades em escrever fora de Portugal, numa carta de 17 de fevereiro de 1875, recém-chegado a Inglaterra, tinha reconhecido as vantagens de estar em Newcastle por o estilo de vida da cidade lhe permitir ter a serenidade necessária para escrever:

“Newcastle, com efeito, é um excelente gabinete de estudo: não há nada que distraia, nem a natureza, nem a sociedade, nem os teatros, nem as mulheres são capazes de atrair ninguém. O frio, a chuva constante, as lamas extraordinárias concentram a gente naturalmente em casa, ao canto do fogão, ao pé do lume. O que se há-se fazer senão fumar, tomar chá e ler?. [...] Eu andava, além disso, excessivamente precisado de um período de concentração e de estudo: a vida nas cidades alegres e com climas bonitos tinham-me atrasado, muito, estes dois últimos anos. Preciso de uma forte provisão de ideias e Newcastle pareceu-me um lugar extremamente apropriado para a amontoar tranquilamente.” (Mónica, 2001: 118)¹⁶.

6. Quay Side

A última paragem do percurso é em frente à Customs House, a alfândega, no Quay Side, na margem norte do rio Tyne, outro dos locais de trabalho de Eça de Queirós. Completada em 1767, esteve em pleno funcionamento até 1989 e, a partir 2003 e até hoje, alberga o escritório de advogados Trinity Chambers (Pears & Perdue, 2018: 223).

Neste local são lidos dois excertos da correspondência consular de Eça de Queirós que explicam as greves dos mineiros, de 2 de junho de 1877 e 15 de abril de 1879:

“No dia 29 do mês passado de maio, os mineiros de carvão deste distrito declararam uma greve geral. Semanas antes os proprietários das minas tinham notificado os

operários, que daquela data em diante, em vista da crescente depressão industrial e comercial, eles fariam uma diminuição de 10 por cento nos salários, extinguindo ao mesmo tempo a antiga concessão de habitações gratuitas e de carvão gratuito.” (Queirós, 1994: 56)

“A prolongada crise comercial e industrial, que há quatro anos vai desorganizando lentamente a riqueza deste distrito, é agravada neste momento pela formidável greve dos operários de minas no Condado de Durham. Na história industrial do Norte de Inglaterra não se encontra decerto uma colisão mais grave entre o capital e o Trabalho. Quase cinquenta mil operários abandonaram as minas. [...]

Newcastle, decerto, predominará sempre no mercado do carvão de gás: mas no carvão de máquina o seu mercado vai sendo todos os dias mais restrito e não pode competir com o do País de Gales. O carvão de Gales é indubitavelmente de qualidade superior ao carvão de Newcastle: consome-se menos rapidamente, fazendo uma economia de combustível; produz um calor duplamente intenso, dando um acréscimo de força: e não solta aquele fumo espesso do carvão de Newcastle, tão particularmente inconveniente nas embarcações a vapor. Acresce a isto que como o custo da produção em Gales é menor, o preço de venda a bordo ou à boca da mina é mais vantajoso que o preço do carvão em Newcastle.

Foi nestas condições que os proprietários de minas em Durham, para baixar o preço de produção, relativamente ao preço de venda, propuseram uma redução de quinze por cento nos salários dos mineiros. Daqui esta formidável greve. [...]

Os mineiros, pode-se dizer em geral, é uma classe mal paga, relativamente ao difícil e perigoso trabalho que fazem; com a redução de 15 por cento, que agora se lhes quer impor, não poderiam absolutamente manter as famílias: e como esta redução deve (se a crise carvoeira continuar) ser seguida doutra proporcional, a sua situação tornar-se-ia uma mendicidade organizada.” (Queirós, 1994: 77-78)

As preocupações sociais que revela nestes comentários às greves dos mineiros estão muito ausentes das tramas dos seus romances, surgindo em *A cidade e as Serras*, o seu último romance, com a descrição das condições dos trabalhadores rurais da região do Douro. Sendo um tipo de perspectiva raro na ficção do autor, é muito interessante verificar o modo como surge na correspondência oficial.

¹⁶ Esta carta é “um inédito, pertencente a Paulo Achmann” (Mónica, 2001: 118).

Como foi antes referido, os romances não têm lugar em Inglaterra, mas, além da correspondência pessoal e consular, nos quinze artigos que escreveu para *A Atualidade* entre abril de 1877 e maio de 1878 muito reflete sobre Inglaterra, abordando a questão das condições em que viviam os operários no último destes artigos, publicado em 21 de maio de 1878, descrevendo o modo como os operários tecelões do Lancashire e Manchester tinham reagido indo muito além do que aconteceu com as greves de Newcastle, com extrema violência com “manufaturas saqueadas, casas destruídas, lojas de bebidas saqueadas, patrões perseguidos a tiros.” (Queirós, 2000: 345-346).

Embora a situação seja diferente, não deixa de ser interessante relacionar esta reação violenta dos operários ingleses à personagem Juliana de *O primo Basílio* e ao seu azedume em relação aos patrões. O comportamento da criada de Luísa merece mesmo comentários do pai do escritor que, tendo elogiado muito este romance, considera, no entanto, que Juliana é uma personagem pouco credível:

“Os tipos estão bem tratados. [...] O da criada Juliana, protagonista do romance, é talvez um pouco exagerado no ódio contra os amos: esses ódios quadram-se mais propriamente com os países onde a classe servil está sempre em rebelião contra as raças dominadores; em Portugal, onde a brandura dos costumes faz dos criados uma espécie de membros da família, o ódio de Juliana contra a ama, que nunca a ofendera sai fora das paixões comuns e portanto da vida real.” (Mónica, 2001: 141).

No fim do percurso é lido um excerto da última carta que Eça de Queirós escreveu em Newcastle, em 20 de abril 1879, feliz por poder ir-se embora, rumo a Bristol que terá sido a cidade onde passou alguns dos seus melhores e mais felizes anos (Mónica, 2001: 157).

“O desfavorável estado da minha saúde reclamando a minha imediata saída de Newcastle, eu tenho a honra de participar a V. Ex^a que, de harmonia com as instruções de Ex^a, de 15 de Outubro de 1878, regresso nesta data a Bristol, deixando este Consulado ao Sr. D. Carlos Díaz, Vice-Cônsul de Espanha nesta cidade, que se prontificou a aceitar esta gerência.” (Queirós, 1994: 84).

7. Notas finais

Acabada a descrição deste percurso, que foi também um caminho de aprendizagem sobre Eça de Queirós e Newcastle, fica a vontade de poder oferecê-lo regularmente a grupos de falantes de português de Newcastle, interessados no escritor português do século XIX e, quem sabe, eventualmente também a um público mais vasto, com este mesmo percurso em inglês.

Seria também interessante estabelecer relações com escritores de língua portuguesa da atualidade que incluíram nas suas ficções referências diretas a este período da vida de Eça de Queirós, como é o caso de *As batalhas do Caia* de Mário Cláudio (1995) e de *Nação Crioula* de José Eduardo Agualusa (1997). Enquanto no segundo caso se trata apenas de uma breve menção numa carta que Fradique Mendes escreve a Eça de Queirós, no que se refere ao primeiro trata-se de um romance que usa o guião que Eça de Queirós escreveu em Newcastle para uma futura narrativa, mas que não chega a avançar. Eça de Queirós é personagem do romance de Mário Cláudio precisamente na fase em que estaria a escrever *As batalhas do Caia*, um romance que intercala a biografia de Eça com o romance que este poderia ter escrito.

Há, provavelmente, muito mais a explorar no que diz respeito à relação de Eça de Queirós com a cidade de Newcastle, por isso fica a vontade de continuar a investir no desenvolvimento deste percurso queirosiano e fazer com que ele possa tornar-se um percurso de turismo literário queirosiano de pleno direito.

Referências bibliográficas

- [1] Agualusa, José Eduardo (1995). *Nação Crioula*. Lisboa: D. Quixote.
- [2] BBC News (2002). Britons name ‘best and worst streets’. BBC. Disponível em <http://news.bbc.co.uk/1/hi/uk/2270840.stm>
- [3] Butler, Richard (2022). Literary tourism. *Working definitions in literature and tourism*. Faro: CIAC – Universidade do Algarve, pp. 79-80. Disponível em <https://publicacoes.ciac.pt/index.php/litntour/working-definitions-in-literature-and-tourism>
- [4] Camões, Maria Filomena (2011). Freire Marreco e eu, um século depois. In *Química*, Série 2, Número 20, 55-56. Disponível em <https://www.spq.pt/magazines/BSPQuimica/650>

- [5] Cláudio, Mário (1997). *As batalhas do Caia*. Lisboa: D. Quixote.
- [6] Donaghy, Peter (2018). *Discover Newcastle Gateshead*. Ammanford: Sigma Press.
- [7] Fean, Joe (2017). *My search for Eça de Queirós in Newcastle. An adapted version of a dissertation towards an M.A. in creative writing*. Newcastle University (texto não publicado, cedido pelo autor).
- [8] Griffiths, John Francis (2019). *Mr Newcastle: the career of T Dan Smith*. Doctoral thesis, Northumbria University. Disponível em https://nrl.northumbria.ac.uk/id/eprint/43546/1/griffiths.john_phd.pdf
- [9] Maia, Armandina & Freitas, Carla (Coord.) (2000). *Eça de Queirós. Marcos biográficos e literários 1845-1900*. Lisboa: Instituto Camões.
- [10] Mónica, Maria Filomena (2001). *Eça de Queirós*. Lisboa: Quetzal Editores.
- [11] Morton, David (2022). Celebrating Newcastle's magnificent Theatre Royal 185 years after it first opened. *Chronicle Live*, 17 de fevereiro. Disponível em <https://www.chroniclelive.co.uk/news/history/celebrating-newcastles-magnificent-theatre-royal-23124898>
- [12] Newcastle University (s-d). 150 years of Science, Agriculture and Engineering. *From Newcastle. For research. For innovation*. Disponível em <https://from.ncl.ac.uk/150-years-of-making-history-in-science-agriculture-and-engineering>
- [13] Oliveira, Lopes de (1944). *Eça de Queiroz*. Lisboa: Vida Mundial. *Apud* Mónica, Maria Filomena (2001). *Eça de Queirós*. Lisboa: Quetzal Editores.
- [14] Pears & Perdue (2018). The Custom House, Quayside, Newcastle upon Tyne. *Archaeologia Aeliana*, 47, pp. 223-254. Disponível em <https://archaeologydataservice.ac.uk/library/browse/details.xhtml?recordId=3226531>
- [15] Peixoto, José Luís (2017). Prefácio a *El crimen del Padre Amaro*. Barcelona: Penguin Random House Grupo Editorial. Disponível em <https://www.joseluis-peixoto.net/prefacio-a-crime-do-padre-amaro-eca-de-159803>
- [16] Queirós, Eça de (s-d). *O primo Basílio*. Porto: Lello e Irmão.
- [17] Queirós, Eça de (1983). *Correspondência, 1.º volume*, Guilherme de Castilho (ed). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- [18] Queirós, Eça de (1994). *Correspondência consular*. Alan Freeland (ed), Lisboa: Edições Cosmos.
- [19] Queirós, Eça de (2000). *Cartas de Inglaterra e crónicas de Londres*, Helena Cidade Moura (ed). Lisboa: Livros do Brasil.
- [20] Rodrigues de Sousa, Sara (2022). Literary cities. *Working definitions in literature and tourism*. Faro: CIAC – Universidade do Algarve, pp. 55-56. Disponível em <https://publicacoes.ciac.pt/index.php/litntour/working-definitions-in-literature-and-tourism>
- [21] Taylor, David (2022). *111 places in Newcastle that you shouldn't miss*. Calbe: Emons-Verlag.
- [22] Watson, Nicola J. (2022). Literary tourist. *Working definitions in literature and tourism*. Faro: CIAC – Universidade do Algarve, pp. 93-94. Disponível em <https://publicacoes.ciac.pt/index.php/litntour/working-definitions-in-literature-and-tourism>